
NARRATIVAS DA HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES DO ESTADO: Um estudo do caso Stephen Duggan (1870-1950)

José G. Gondra^(*)
Paulo Rogério Marques Sily^(**)

For their own welfare as well as the welfare of all mankind, Americans must participate in this great work of reconstruction. We must, moreover, participate as leaders – not to impose our view of life upon any people but to inspire in all peoples an understanding of our common destiny, to place our experiences at their service in the hope that they, like us, will want to help build the better world in which liberty and security and justice prevail. (DUGGAN, 1972, p. xviii).

Frente a uma conjuntura mundial em que as bases liberais se encontravam em crise em virtude da direção e funcionamento do próprio sistema, sobretudo pela acirrada disputa por mercados da parte das potências mundiais (HOSBSBAWN, 1995, p. 31), Stephen Pierce Hayden Duggan, professor de educação no City College of New York (CCNY), escreveu *Textbook in the History of Education*, publicado em 1916, em meio à primeira guerra (1914 – 1919) que, como se sabe, envolveu grandes potências da época e quase todos os estados europeus.

A produção deste livro decorre de sua experiência docente, iniciada em cursos secundários. Já a experiência em cursos superiores e, particularmente no ensino de história da educação voltado para formação de professores, deriva do convite que lhe fora feito pelo presidente do CCNY, John H. Finley, narrado por Duggan (1972) nos seguintes termos:

Dr. Finley said me:

- Your way to be made professor of political science is blocked by the fact that a good man holds the position. I want to promote you and suggest making you professor of education.
- But, I answered, I'm not qualified to teach the courses in the new department.
- One of them, he answered, is the history of education. You have been trained in history and I know that you have always been interested in the history of civilization¹.

^(*) Professor de História da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do CNPq e da Faperj. *E-mail*: gondra.uerj@gmail.com.

^(**) Doutor em Educação pela UERJ, professor do Colégio Pedro II e pesquisador do CNPq. *E-mail*: prsily@yahoo.com.br.

¹ Aqui, Dr. Finley parece se referir à formação prévia de Duggan no campo da ciência política e da sua produção e interesse no campo das relações internacionais. A esse respeito, cf. DUGGAN, 1919, 1920, 1972 e 2002.

*The history of education is the history of civilization*². You can give the course in the history of education and secure assistants in psychology and methodology. (p. 8).

Ao aceitar o convite, Duggan procurou seguir os conselhos do presidente, assinalando que tal iniciativa concorreu para se fixar definitivamente em Nova Iorque, comentando, igualmente, os benefícios decorrentes do novo posto de trabalho³. Para ele, a necessidade de organizar um curso de história da educação havia lhe ajudado a clarificar o significado de civilização e o lugar do indivíduo e da coletividade no processo civilizador. Em função dos limites do curso – três horas por semana, durante um semestre – e considerando sua ignorância a respeito de outras civilizações, justificava o fato do curso ter ficado “confinado” à civilização ocidental. No entanto, para que o manual pudesse ser bem compreendido dever-se-ia observar um terceiro argumento. Neste caso, havia tomado a iniciativa de escrever o *textbook* pelo fato de não ter encontrado nenhum outro que abordasse a questão da história da educação de acordo com a perspectiva que acreditava e defendia, isso é, a adoção de dois conceitos que considerava fundamentais para organizar a narrativa. O primeiro se refere à centralidade do Estado como árbitro entre liberdade individual e segurança social e, o segundo, se refere ao desenvolvimento das capacidades para a felicidade dos indivíduos, mas também para que pudessem vir a prestar os mais largos serviços à sociedade. Temos, portanto, as contingências do curso, de formação e a definição de princípios doutrinários como elementos que delineiam e permitem compreender a história da educação narrada por Duggan.

Escrito originalmente como parte de sua experiência com estudantes e com professores, o livro passou a funcionar como instrumento de ensino nos cursos de formação docente⁴, destinando-se igualmente aos interessados na temática educação, por meio do qual procurava explicar as soluções encontradas para aquilo que o professor-autor considerava ser o grande problema de todos os povos, em todos os estágios de desenvolvimento, inclusive em seu *presente*⁵: a conciliação entre

² Tal concepção é compartilhada pelo *textbook* de Afrânio Peixoto, que também defendia a tese da história da educação como história da civilização. Ao responder aos críticos de seu livro, por ocasião da segunda e terceira edições de seu manual, sublinhara ao final do prefácio: “A história da civilização é a história dos resultados da educação ... A história da educação é a chave ou a decifração da outra. Está certo. E está nas primeiras linhas do livro que os exigentes não leram...” [Cf. GONDRA; SILVA (2011; 2011a) e PEIXOTO (1936; 1942)].

³ Para maiores detalhes biográficos confira Duggan, 1916 e Ohles, 1997.

⁴ De acordo com o próprio Duggan (1972, p. 9), publicado inicialmente em 1916, o livro ainda se encontrava em uso (1943), tendo sido adotado por um considerável número de colegas.

⁵ Trata-se de um cenário político-econômico mundial em transformação no qual os Estados Unidos procuravam se afirmar como potência mundial em processo de expansão e sua cultura e modo de vida em padrão a ser disseminado, buscando, igualmente, com esse procedimento, contrastar seu projeto e modelo a outras propostas de organização da sociedade baseada em princípios distintos, como os socialistas.

liberdade individual e estabilidade social, e o modo como cada povo organizou a educação para preparar o indivíduo para a vida em harmonia (DUGGAN, 1916, p. 4).

O destaque a tais princípios permite compreender a estratégia discursiva empregada por Stephen Duggan quando mobiliza o duplo argumento das liberdades e do respeito e estímulo ao desenvolvimento das capacidades individuais em suas relações com a vida em sociedade como grande linha de força que deveria orientar a compreensão da história da educação (e da civilização), mas que também deveria funcionar como chave para compreender e agir sobre as demandas (e crise) do momento histórico em que vivia⁶.

Para atingir esse objetivo, Duggan tomou como referência experiências de povos e nações, em sua maioria do Ocidente, destacando iniciativas e pensadores que contribuíram com formulações significativas, motivo pelo qual deveriam ser consideradas como legado para a “civilização ocidental”. Dentre essas experiências, procurou reconhecer e valorizar aquelas que, desde a Antiguidade, encontravam-se mais sintonizadas com as concepções de organização social, forma e funções de Estado e de educação. De modo especial, destacava princípios e valores que deveriam ser preservados por reconhecer que se constituíam (ou deveriam ser constituídos) em pilares da sociedade norte-americana do início do século XX: a cidadania; a liberdade individual; a soberania de um sistema legal; a disciplina moral, assentada em ideais religiosos; o Estado como regulador social; a educação como meio de realização dos ideais sociais e espirituais das nações.

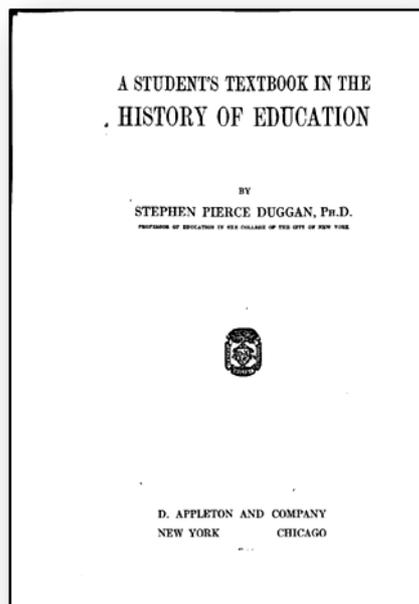
Ao representar a educação como fenômeno social que correspondia a um determinado tempo e lugar em permanente transformação, em função das ações dos indivíduos organizados em instituições sociais, Duggan (1916) afirmava que “quando uma política e os ideais sociais mudam, os sistemas de educação mudam para se ajustar aos novos ideais” (p. XIX). Com essa afirmativa, chamava atenção para os acontecimentos de seu tempo, buscando afirmar os princípios liberais que deveriam nortear a solução para a crise que atravessavam as sociedades de seu tempo, elegendo como exemplos as experiências dos sistemas de educação, alemão, inglês, francês e norte-americano. Deste conjunto, é o sistema de educação de seu país que aparece representado como exemplar, na medida em que era o que melhor cumpria a função de capacitar o indivíduo para o trabalho que lhe fosse “naturalmente” mais adequado. Nesse sistema, cada criança deveria receber um treinamento de acordo com suas capacidades, inclusive com crescentes investimentos em

⁶ De fato, o compromisso de Duggan em pensar o *presente* comparece em muitos de seus estudos, como aqueles em que reflete sobre a situação dos bálticos, sírios, turcos e latino-americanos, por exemplo. (Cf. DUGGAN, 1913, 1917a, 1917b, 1921, 1923e 1934).

educação de cegos, surdos, mudos e deficientes mentais evitando, com estas medidas, a figura do “inadaptado social”.

Ao representar a sociedade como uma espécie de agregado de indivíduos organizados em instituições como a família, o estado e a igreja, defende a educação como a mais importante função do Estado e o magistério como a mais nobre das profissões. Nesta linha, a educação deveria consistir na tomada de consciência pelo indivíduo de que ele é membro de um grupo social e que deveria viver em relações com outros, de acordo com as restrições das instituições sociais.

Vivendo em uma sociedade liberal, defendendo alguns de seus princípios e sua manutenção e considerando os ideais de liberdade individual e sua regulação por parte do Estado como organizador da sociedade, Duggan procurou converter indagações sobre as funções do Estado e da educação na sociedade em questão central, reiteradas ao longo do livro: como a liberdade deveria ser assegurada ao indivíduo e, ao mesmo tempo, regulada? De outra forma: como a liberdade poderia ser organizada pelo Estado a fim de permitir o desenvolvimento das capacidades individuais para bem servir à sociedade?⁷



Como assinalado inicialmente, esses são os grandes *shifters* adotados pelo professor-autor para definir os contornos da história da educação destinada à corporação docente.

ESTADO, SOCIEDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Como manual destinado à formação de professores, *A Student's Textbook in the History of Education* buscava fornecer condições para um melhor entendimento dos problemas da educação, articulados aos desafios do mundo contemporâneo. Nesta espécie de *pragmática*, o conhecimento da história da educação se via constituído em saber necessário na medida em que: permitisse compreender as teorias e práticas contemporâneas; enfatizasse a educação moderna, sem ofuscar outros períodos; explicasse como determinados ideais educacionais, conteúdos, organização e

⁷ Segundo Duggan, cada nação procurou solucionar esse problema, sendo os extremos de suas diferenças evidenciadas nos sistemas de educação do Oriente e do Ocidente.

iniciativas que caracterizam a cultura ocidental contemporânea foram desenvolvidos, priorizando, para tanto, os estudos da história da educação dos povos que, segundo o autor, deixaram legado cultural classificado como útil para legitimar o projeto civilizatório ocidental, em especial o norte-americano⁸.

Com a proposta de ser um guia de fácil leitura e possibilitar uma melhor compreensão dos problemas da educação, o *textbook* foi organizado com uma bibliografia mínima, composta de obras escritas por autores, muitos deles professores norte-americanos, incluindo alguns manuais publicados entre 1894 e 1916, dentre eles *Textbook in the History of Education* (1908)⁹ e *Cyclopaedia of Education* (1914), ambos de autoria de Paul Monroe¹⁰, e *History of Education*, de Frank Graves¹¹ (1910), publicado em três volumes¹².

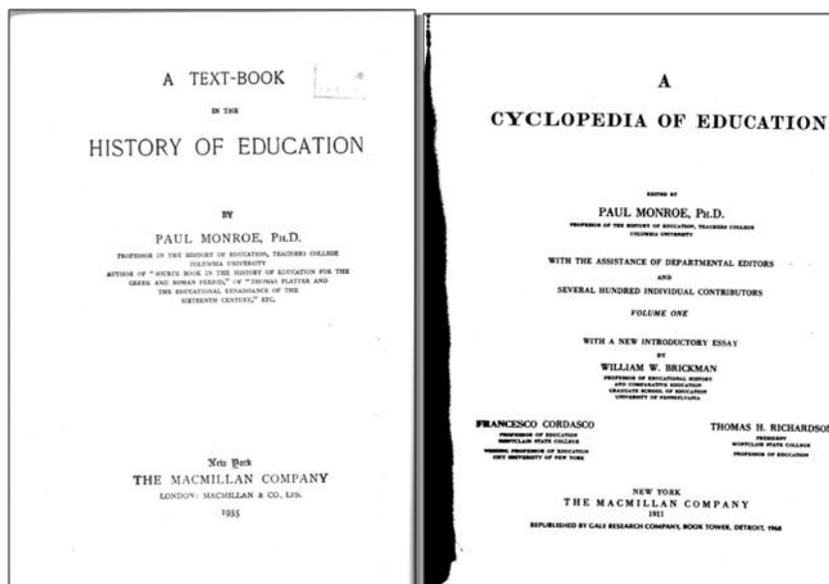
⁸ As porosidades entre o vivido e a experiência em curso podem ser consideradas uma marca na escrita de Stephen Duggan, traço evidenciável desde seu primeiro livro, no qual discute a questão ocidental, como condição para localizar e tornar inteligível a experiência norte-americana, tanto em sua economia interna, como na relação com outras nações. (Cf. DUGGAN, 2002).

⁹ Em uma comparação preliminar das duas narrativas, é possível apontar que Paul Monroe (um dos autores em que Duggan se apoia para escrever seu *Textbook*) escreve uma história da educação a partir das ideias e concepções de educação mais frequentes em cada período histórico analisado, aproximando-se de uma leitura filosófica da educação. Já Duggan procura fazer um estudo dos sistemas de educação de um ponto de vista mais sociológico, enfatizando as instituições sociais e suas funções no tecido social e na educação, analisando as condições históricas dos indivíduos, das instituições e dos movimentos sociais que lhes são contemporâneos e determinantes. No entanto, há pontos comuns nas duas narrativas. Ambas procuram construir uma síntese da história da educação que prioriza os estudos da civilização ocidental assentadas em uma visão evolucionista e linear da história e da educação baseada em um processo de causas e efeitos, de legado de gerações para gerações, segregando a cultura ocidental da cultura oriental, por meio do estabelecimento de distinções, sendo que a principal delas decorre do respeito à liberdade individual existente na cultura ocidental.

¹⁰ Paul Monroe (1869-1947), graduado pelo Franklin College e pela Universidade de Chicago, especializado nos métodos dos estudos sociológicos e históricos, doutorou-se em Filosofia, tendo exercido o magistério de História da Educação no Teachers College da Universidade de Columbia (Nova York/EUA). Em 1897, foi nomeado docente de História no Teachers College; em 1899, professor adjunto de História da Educação; em 1902, catedrático da disciplina. Foi diretor da seção de educação da *New Internacional Encyclopaedia*, da *Nelson's Cyclopaedia*; do *International Year Book*; diretor da *Cyclopaedia of Education* (5 volumes); do *Textbook Series in Education* e da *Source Book Series in Education*. A respeito deste autor e de outros norte-americanos (cf. LORENZ, 2009).

¹¹ Nascido em Nova Iorque, em 23 de julho de 1869, frequentou a Universidade de Columbia e recebeu um bacharel e mestre em Artes, assim como um PH.D. em Filosofia. Graves ensinou grego em Columbia, tornou-se professor de clássicos da Tufts College, e presidente da Universidade de Wyoming. Em 1898, Graves se tornou Presidente da Universidade de Washington, até 1902. Em seguida, voltou a Columbia University onde obteve um doutorado em educação. Entre o doutorado em educação e sua nomeação como comissário de estado da educação, em 1921 serviu como o diretor de educação da Universidade de Missouri, da Universidade da Pensilvânia e Ohio State University. Ele também atuou no corpo docente do Teachers College da Universidade de Columbia. Foi eleito como o comissário de educação e presidente da New York State University em 1921, tendo atuado como comissário de estado da educação por dezenove anos até que se aposentou, em 1940, aos 71 anos. Faleceu em 13 de setembro de 1956. Disponível em: <<http://www.lib.washington.edu/specialcoll/exhibits/presidents/graves.html>>. Acesso em: 6 maio 2011.

¹² Há, contudo, uma lista complementar de leituras recomendadas para aprofundamento. A esse respeito, conferir bibliografia complementar.



O manual foi organizado em cinco partes, correspondentes aos períodos da Antiguidade, da Idade Média, de uma era de transição (XIV-XVI), dos tempos modernos (XVII-XIX), dos sistemas nacionais de educação do século XX, dedicando maior parte ao exame do desenvolvimento do sistema norte-americano. Cada capítulo se encontra subdividido, iniciado por uma introdução que visa melhor situar os estudantes em relação aos principais acontecimentos de cada período, e, finalizado com um questionário relativo aos conteúdos estudados e outras questões que procuravam relacionar os aspectos abordados no período analisado com problemas sociais e educacionais contemporâneos. Este exercício consiste em dispositivo acionado com regularidade; o que reforça o caráter pragmático da história ensinada e escrita no City College of New York.

O livro apresenta onze ilustrações, distribuídas em 394 páginas, com imagens correspondentes às representações de formas educativas desenvolvidas por diferentes povos ao longo da história, por meio das quais se procura relacionar educação, cultura e sociedade, buscando demonstrar articulações de tais aspectos entre si e com os movimentos sociais, o que reforça e ajuda a sustentar a tese da “boa educação” como fator intrínseco, necessário e positivo com vistas à organização e funcionamento harmonioso da vida em sociedade¹³.

Na introdução do seu *Textbook*, Duggan procura apresentar as bases teóricas e os princípios filosóficos e sociológicos considerados fundamentais para os estudos no domínio da história da

¹³ O conjunto das ilustrações apresenta a seguinte composição: Educação grega – o Didascaleum (escola de música) e a Palestra exercícios da mente e do corpo – p. 17; Educação romana – matérias escolares e punição – p. 58; O sistema de educação medieval sumarizado – p. 83; O alfaiate – uma página do “Orbis Pictus” de Comenius – p. 177; Uma escola do século XVIII e pai Pestalozzi – p. 239; Mostrando a criança algumas das atividades humanas necessárias à vida – lema e comentários do jardim de infância de Fröebel – p. 261; O sistema de instrução monitorial – duas imagens: alunos em classe, na Inglaterra no início do século XIX, p. 292 e Uma escola (doméstica) em Londres, em 1870, p. 299.

educação¹⁴. Para ele, a educação consiste no meio pelo qual as nações procuravam realizar seus ideais sociais e espirituais, sendo os sistemas de educação os mecanismos responsáveis por transmiti-los. Segundo ele, como os ideais variavam entre as nações, os sistemas de educação estabelecidos também diferiam uns dos outros, e quando os referidos ideais se alteravam, ocorriam modificações correlatas nos sistemas de educação.

Ao proceder à comparação entre os sistemas de educação nas extremidades do mundo, Duggan considera que, no caso das sociedades do Oriente, excetuando o Japão com a Revolução Meiji (1866 – 1869) e seu processo de ocidentalização, a ênfase da educação incidia no controle social, baseado na tradição, em que o indivíduo se via suprimido e seu destino controlado por uma força externa, o que resultava em uma sociedade conservadora e estática; enquanto que, no Ocidente, a sociedade aparece representada como progressiva, posto que a ênfase recaía sobre o indivíduo investigativo, com o pensamento voltado para compreender e agir sobre o homem e a natureza, com base em novos conhecimentos, contribuindo, com isso, para fazer progredir a ciência da natureza e do social, o que era considerado índice de civilização. (DUGGAN, 1916, p. 5).

O objetivo da educação do indivíduo deveria ser o de possibilitar o pleno desenvolvimento de suas capacidades, de modo que pudesse atingir o melhor e o máximo de si. Para tanto, o conteúdo não deveria se restringir ao conhecimento das experiências e ideais da humanidade, mas também da ciência, com o estudo dos fenômenos da natureza e da sociedade como se apresentava em seu tempo. Nesta linha, o método não mais deveria ser o da memorização, mas o da observação e investigação, através do qual o indivíduo deveria aprender conhecimentos tradicionais e costumes da sociedade, não para a eles se conformar, mas para poder contribuir com seu aperfeiçoamento e progresso.

Para efeito deste trabalho, consideramos as sociedades apresentadas no *textbook* e seus respectivos sistemas de educação, procurando as principais características postas em relevo por Duggan para servir de referência e fornecer elementos para pensar o papel do Estado, em suas funções e relações com a sociedade e com a educação dos indivíduos, de modo a ressaltar aquela que acreditava ser a mais coerente e oportuna para seu tempo histórico: a educação liberal norte-americana, como reafirmado no livro de 1943, republicado em 1972.

¹⁴ Para observar essas questões em outros autores, conferir as coletâneas organizadas por Gatti Junior; Monarcha; Bastos (2009); Freitas *et al.* (2011) e Carvalho; Gatti Junior (2011); por exemplo.

AS REPRESENTAÇÕES DO ESTADO

Os povos da antiguidade valorizaram na Grécia, principalmente, a sociedade ateniense ao descreverem a vida institucional como altamente educativa e o fato da educação se encontrar a serviço do Estado¹⁵. Ao lado disto, ressalta-se o legado cultural que o ocidente herdara daquela experiência nos campos da arte, filosofia, espírito científico e parte do mundo literário.

Nessa primeira experiência, a solução para o problema da relação indivíduo-sociedade foi diferente dos demais povos da antiguidade, na medida em que a educação do indivíduo estava a serviço do Estado, tendo a liberdade como característica da vida grega, presente na liberdade política da cidade-estado (embora, socialmente, fosse uma aristocracia); na liberdade intelectual; na liberdade moral, determinada pela razão humana.

Nessas condições, a educação ateniense formava indivíduos livres, conscientes de suas obrigações e deveres com o Estado, sendo as instituições, nas quais nasciam e cresciam, educativas por si mesmas: a assembleia, os júris, o teatro, os jogos, inclusive os olímpicos; apesar da existência de outras que, segundo Duggan (1916), não eram educativas, sob o ponto de vista da modernidade: a escravidão, a posição inferior das mulheres, falta de humanidade, uma religião não ética. Em seu mais alto período, o propósito da educação ateniense podia ser expresso pela formação de excelentes indivíduos para a utilidade pública, tendo como características o treinamento voltado para o serviço social, onde as virtudes dos gregos eram virtudes cívicas, vivendo o grego para a sua cidade-estado. A educação em Atenas desenvolvia todos os lados da personalidade, sendo conferida igual atenção ao treino do físico e da mente. No treinamento da mente a atenção se voltava para o intelecto, recobrando igualmente o aspecto emocional e da vontade¹⁶. (p. 19).

Em sua organização, a educação elementar era “privada” ou “doméstica”, cabendo ao pai a educação do menino, com o acompanhamento do Estado. A educação superior, sob controle e supervisão do Estado, destinava-se à formação de líderes e acontecia no *Gynasium*, consistindo em preparação para o serviço militar. Após essa formação, o *epebo* ou jovem cidadão ateniense era presenteado com armas e sua formação intelectual se realizava pelo contato com outros cidadãos gregos que pregavam livremente nos parques da cidade. Nessas considerações sobre a sociedade e educação ateniense, cabe destacar a convivência entre a educação privada e a educação pública, ambas sob a supervisão do Estado, uma das marcas da educação norte-americana no início do

¹⁵ Cabe destacar que a Grécia era constituída de cidades-estados independentes, com organização e governos próprios.

¹⁶ Remete aqui ao projeto de educação integral, retomado por vários autores, em diferentes países. Para observar a entrada e circulação deste projeto no Brasil (cf. GONDRA, 2004).

século XX. Deste modo, o norte-americano reconhecia, em outro modelo, a presença, o funcionamento e os benefícios de um princípio que lhe parecia caro: o da liberdade de ensino.

Com três filósofos gregos, Sócrates, Platão e Aristóteles, considerados teóricos da educação, a solução para o problema da conciliação entre liberdade individual e estabilidade social foi encontrada no desenvolvimento da moral baseada no conhecimento, cabendo ao Estado o controle do sistema social. Neste modelo, cada indivíduo deveria ser educado para o lugar e o trabalho nos quais estivesse melhor adequado. Após esses filósofos, a educação grega seguiu duas linhas de desenvolvimento, uma preparatória para a vida prática e outra para a vida especulativa, desenvolvidas nas universidades, principalmente a de Atenas e a de Alexandria. Descrito nesses termos, temos aí uma espécie de protótipo do sistema educacional dual, justificável pelo argumento do respeito às liberdades, capacidades e utilidades dos indivíduos necessárias para o equilíbrio social que se desejava.

Dos romanos, o destaque remete ao grande feito de terem tornado concreto um sistema legal sob o qual a civilização ocidental se vê fundada e sustentada, isto é, por meio de um conjunto de instituições organizadas, baseadas em ideais de outros povos, como os da religião judaica e o de justiça dos gregos, o que confere à sociedade um alto grau de organização e administração.

Antes do contato e assimilação da cultura dos gregos, a sociedade romana desenvolvera uma educação dirigida para a formação prática e cívica dos seus jovens, através de suas instituições como a família; o fórum, onde se aprendia os ideais, os direitos e deveres dos cidadãos romanos; a religião, valorizando o senso do dever. Com a incorporação de ideais e valores da cultura grega, o sistema de educação romano passou a valorizar a religião, filosofia, arte e literatura, sendo organizado em três períodos ou níveis de acordo com a idade dos alunos: ensino elementar, secundário e superior (DUGGAN, 1995, p. 57).

Do legado deixado pela sociedade medieval, Duggan destacou a disciplina e moral cristã, que buscou a regeneração do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade em que a purificação pessoal era essencial e o indivíduo subordinado ao controle da Igreja Católica.

No período histórico seguinte, considerado uma *transição*, o autor observa a emergência do controle institucional do indivíduo, em que as humanidades se opõem ao divino, ocorrendo uma ascensão do interesse secular e demanda crescente pelo controle da educação. Este período é representado como aquele em que os europeus se voltaram para os problemas do presente, o jogo da vida, o interesse pela natureza e por conhecer mais e melhor as relações humanas, seus reais desejos

e ambições. Consiste também na tentativa de retomar o modo de vida anterior, atribuindo-se maior atenção à literatura e à experiência da antiguidade clássica.

Na chamada *Renascença*, os humanistas procuraram desenvolver uma literatura de caráter regional, por meio da escrita de poesias, dramas e romances, provocando muitas vezes conflitos entre os modelos adotados. Outras características destacadas desse movimento referem-se: à ênfase na individualidade; à invenção da imprensa (1450), que incentiva novos aprendizados; ao surgimento de muitas bibliotecas em grandes cidades; às descobertas científicas que fortaleceram o espírito de investigação, levando os homens a rejeitarem as concepções abstratas e demandarem provas que explicassem diversos fenômenos naturais.

Em alguns lugares da Europa, a nova postura do homem frente ao mundo valorizou a busca da felicidade individual e da própria cultura pessoal, mas também serviu como instrumento para a reforma religiosa. No plano educacional, o manual destaca, entre outros, os trabalhos de Erasmus (1467–1536), que além de escrever sátiras, também produziu obras sobre educação de crianças, como *Educação liberal de crianças* e *Na ordem do estudo*, nas quais defende a importância do estudo e dos jogos e brincadeiras; a oposição à disciplina brutal; o método de ensinar gramática e literatura e a educação igual para ambos os sexos (DUGGAN, 1995, p. 123-124).

Nos Principados Germânicos, valorizou o *Ginásio*, instituição educacional que tinha por objetivo desenvolver as habilidades de ler, escrever e falar latim, assim como as ações de Johann Sturm (1507-1589), fundador do ginásio de Strasbourg (1537) e autor de *textbooks*, cujos conselhos foram seguidos por príncipes e cidades na organização das instituições da época.

Referindo-se às contribuições do movimento reformista ocorrido na Europa no século XVI, o compêndio destaca a ideia defendida pelos protestantes de que o povo deveria ler a bíblia na língua materna; a ênfase dada às línguas vernáculas; a demanda pela extensão de escolas elementares, onde fosse possível aprender a ler a bíblia. As posições defendidas por Lutero representaram avanços no que diz respeito ao papel do Estado na manutenção e controle das escolas, para onde os pais deveriam ser compelidos a mandar seus filhos. Medida que se justificava com o argumento de que a escolarização proporcionaria o bem-estar do Estado e a salvação da criança. Nesse sentido, todas as crianças, de ambos os sexos, deveriam frequentar as escolas, que deveriam ser organizadas para que elas ficassem nela por uma ou duas horas por dia, devotando o resto do dia aos deveres práticos. Já as crianças mais promissoras deveriam ter uma educação humanística em latim, grego e hebraico, além de história, ciências naturais, música e ginástica; outro indicador de que Duggan procura localizar em outros presentes experiências análogas às que

defendia. A história que ensina e escreve, neste caso, menos que repositório, antiquário ou erudição estéril e desinteressada, procura funcionar como lição, mestra da vida.

No movimento da reforma religiosa, destaca-se a criação do primeiro sistema escolar estatal na Saxônia, fundado por Melanchthon, baseado no plano de Württemberg, de 1559; a internacionalização do pensamento de João Calvino, apresentado como o primeiro protestante que havia organizado um elaborado sistema de teologia, estabelecendo colégios em Genebra, similares aos da Alemanha, nos quais procurava combinar ensino religioso e clássico. Duggan chama atenção para repercussões dessa experiência na Inglaterra, reconhecendo John Knox como figura emblemática, posto que se empenhara na construção de um sistema educacional da igreja reformada (enquanto na Alemanha tratava-se de um sistema educacional do Estado); a aplicação dos princípios reformistas pelos puritanos e pelos huguenotes franceses nas escolas elementares e secundárias, ambas mantidas pelos governos das colônias da América do Norte.

No século XVII, opondo-se ao Humanismo, o *Realismo* considerava como princípio fundamental o estudo das realidades do presente, de modo a preparar jovens para deveres concretos. Os realistas criticavam a educação dominante baseada nos livros e nas palavras, e não em coisas e ideias. Para seus defensores, a educação deveria oferecer condições para cada um formar seu próprio julgamento e razão.

O livro confere destaque a um grupo de realistas, composto por escritores como Bacon e Comenius, que compreendiam que a educação deveria ter novos conteúdos e métodos, privilegiando o estudo da natureza e emprego do método indutivo. A educação do homem deveria ser prática, com viagens, proporcionando o contato com outros povos e suas atividades. Para ele, Michael Montaigne (1533-1592) o mais representativo dos realistas, descrito com um cético e epicurista, um homem de visão de mundo e tolerância, com moralidade utilitária e, talvez, materialista. Dentre os vários ensaios redigidos, destaca *Pedantry* e *Educação de crianças*, nos quais defendia o preparo das crianças para a vida e para os negócios. Para tanto, deveriam viajar e conviver com outros povos e suas atividades, precisando, para isso, conhecer e aprender línguas estrangeiras, história e filosofia.

Após as guerras religiosas no século XVII, vários aspectos da vida humana na Europa passaram a ser marcados pelo tradicionalismo e autoritarismo. O movimento para se conseguir exercer a liberdade racional é atribuído a John Locke, descrito como fundador da escola do empirismo na filosofia. Na educação, Locke é caracterizado como realista, um naturalista ou um disciplinador, tendo adotado o desenvolvimento da razão e o controle da vida pela razão como objetivo dominante da educação. Tal posição faz com que seja representado como pioneiro do

movimento racionalista associado ao “século das luzes”, cuja característica principal consistia na determinação para aplicar o exame da razão em tudo e rejeitar o que não fosse submetido a esse exercício.

Locke acreditava em uma educação sensorial; em que o conhecimento derivaria dos sentidos e do seu desenvolvimento, defendendo métodos prazerosos; em que a educação física deveria assumir importância fundamental na formação do indivíduo, assim como a exploração da curiosidade natural da criança para seu desenvolvimento intelectual. Ao negar a existência de ideias inatas, defendia a teoria de que, ao nascer, todo indivíduo consistia em uma espécie de tábula rasa. Deste modo, os materiais constitutivos do indivíduo eram externos, sendo adquiridos por meio dos sentidos, como resultado das experiências com o mundo exterior. Na infância, a razão é tida como subdesenvolvida, e a base da moral e da educação intelectual deveria ser formada pela prática de bons hábitos de pensamento e de ação.

No período denominado *Tempos Modernos*, Duggan procurou valorizar o triunfo do individualismo, a predominância do interesse secular na educação, o desenvolvimento do nacional, o Estado como suporte e instância de controle do sistema escolar. Dentre os filósofos do Iluminismo, o autor norte-americano destacou especialmente Jean Jacques Rousseau, considerado o maior opositor do formalismo e o maior expoente do naturalismo na educação, o que poderia ser evidenciado em obras, como *O Contrato Social*, em que discutiu os direitos dos homens; *Emílio*, no qual apresenta os fundamentos de sua filosofia educacional, proclamando os direitos da criança e em favor de uma nova educação, a educação natural, que implicava em não restringir instintos, impulsos e sentimentos da criança sem restrições para que pudessem se desenvolver natural e livremente.

Para Duggan, o primeiro grande efeito de Rousseau na educação foi o de tornar a criança objeto de estudo, visão que teria inspirado Pestalozzi, Herbart e Fröebel. Outro impacto se refere à oposição aos livros e sua insistência no trabalho com as coisas, de modo a explorar a curiosidade da criança. Na Alemanha, suas ideias são associadas às de Johann Bernard Basedow (1723-1790), que defendia a secularização e nacionalização de todas as escolas, tendo procurado colocar em prática ideias dos naturalistas, como as de Rousseau, em uma escola por ele fundada na Alemanha, *The Philanthropinum* (1774).

A educação no século XIX foi caracterizada por um processo de socialização, efetivado na secularização da educação, eliminação da dominação eclesiástica e sua substituição pelo suporte e controle do Estado (DUGGAN, p. 286). Tal movimento foi marcado por três períodos/etapas: da filantropia; da transição para o controle do Estado; da socialização da educação. Nesta última etapa,

o Estado tomou consciência da importância da educação como instrumento da sociedade para atender aos seus objetivos e ideais. Inicialmente é enfatizado o motivo social, e em seguida, o aspecto político da vida social e, mais tarde, o econômico. Além disso, o século XIX foi caracterizado por uma insistência relativa no estudo psicológico da criança, de forma a instruí-la conforme sua capacidade.

No início do século XX, o motivo social que dominava a educação procurou colocar em evidência os conteúdos das matérias em oposição às matérias formais do currículo. Isto demandava subordinação da sociologia à psicologia da educação na preparação do professor, pois a orientação vocacional seria capaz de melhor preparar o indivíduo para a docência.

O crescimento do controle público da educação foi acompanhado por um crescimento da secularização. A moderna concepção de educação demandava que cada criança recebesse o preparo de acordo com suas capacidades naturais. De acordo com Duggan, nunca antes fora dada tanta atenção à criação de métodos de ensino e organização escolar. O uso de métodos científicos para assegurar a eficiência da instrução e administração remetia o fazer escolar às pesquisas e ao desenvolvimento de escalas para medir os resultados da instrução.

A extensão educacional em forma de cursos de verão, cursos por correspondência, inspeção médica para estudantes, o amplo uso de planos escolares deixava evidente o quanto a escola estava sendo socializada e o quanto a reconstrução da teoria educacional acompanhava as reformas educacionais das primeiras décadas do século XX. Nos Estados Unidos, ponto de partida e de chegada na narrativa de Duggan, os professores Dewey, Thorndike, Judd, e outros, vinham exercendo grande influência no pensamento de professores e educadores.

Ao tomar como referência *sistemas de ensino contemporâneos*, Duggan selecionou quatro experiências liberais, consideradas berço da modernidade, como matéria que deveria constar no curso para professores: Estados Unidos¹⁷, Alemanha¹⁸, França¹⁹ e Inglaterra²⁰. Matéria que compõe

¹⁷ A história dos Estados Unidos é organizada a partir de quatro períodos. (1) Colonial, em que a religião predominava. (2) Período de transição, da independência ao renascimento da escola pública. (3) Renascimento da escola pública (1837-1876), com destaque para as ações de Horace Mann e Henry Barnard no desenvolvimento de um sistema de educação pública em todos os estados. (4) Período da expansão educacional, caracterizado pela crescente centralização do controle estatal e uma grande expansão das facilidades educacionais.

¹⁸ A história da educação alemã é sintetizada em torno de quatro períodos. O primeiro, de 1763-1806, corresponde à fundação do sistema prussiano de educação e coincide com o reinado de Alexandre, o grande, e seu sucessor, o general Code. O segundo, entre 1806 e 1818, inicia com a batalha de Jenna e corresponde a um conjunto de reformas que afetou todos os ramos da educação e fundação da Universidade de Berlin. Entre 1818-1871 tem fim o controle da igreja em favor de um controle pleno do Estado sobre as escolas. Por fim, o período entre 1871 até 1916 corresponde a um intenso nacionalismo, no qual a escola foi transformada em “agência-chefe” do Estado.

o último capítulo, intitulado *O Desenvolvimento dos Sistemas Nacionais de Educação*. No estudo destas quatro experiências, reconheceu o controle do Estado e o processo histórico de constituição da escola pública e do ensino laico como elementos comuns a serem preservados. Elementos que parecem ter funcionado como matriz adotada para selecionar e observar aspectos de outras experiências, julgando-as com base naquilo que também procurou ressaltar no exame das quatro potências europeias estudadas. No gradiente da liberdade e estabilidade social estabelecido, cujo crescimento segue uma linha que parte do Oriente em direção ao Ocidente, a experiência que reconhece como a melhor, mais evoluída e mais bem-sucedida das soluções era a do próprio autor do manual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposição final desse texto, cabe indagar o modo como autores liberais do início do século XX, como Stephen Duggan, procuraram se referir a problemas de seu tempo, considerando a crise vivida pelo Ocidente e os projetos de afirmação do socialismo, anarquismo, ideais comunistas e o conjunto de críticas então dirigidas ao capitalismo e liberalismo; ao imperialismo dos países europeus e norte-americano sobre os demais continentes e suas consequências; os conflitos diplomáticos, econômicos e políticos entre as maiores potências mundiais que marcaram a virada do século XIX para o XX e sua culminância na primeira guerra mundial (1914-1919) e as condições a que estava submetida a maioria da população não branca norte-americana e a dos países latino-americanos após os processos de emancipação, dentre outras questões.

A presença desses elementos, situados no centro do verbo professoral, sobretudo quando trata dos grandes conflitos nacionais e internacionais, sugere pensar os contornos assumidos pelo texto e as soluções encontradas para aí localizar o que se afasta do modelo sustentado pelo autor. A diferença admitida, como a que estabelece com experiências orientais, faz com que estas apareçam descritas como sociedades que não souberam tornar equilibrada a relação indivíduo-sociedade, o que resultara em desarmonia social, tirania, guerras, barbárie. Negativadas nestes termos, o lugar

¹⁹ A história da educação francesa é organizada em torno de três períodos. O primeiro entre a revolução francesa e 1833, corresponde a tentativas de estabelecimento de leis e de um sistema nacional de educação. De 1833-1904 ocorre a organização de um sistema nacional de educação elementar, mas ainda se verifica a presença da igreja na educação. Entre 1904-1916, assiste-se a uma completa secularização, constituindo um sistema completamente centralizado, mantido e controlado pelo Estado.

²⁰ A história da educação britânica é sintetizada em quatro períodos. Até 1833, a educação ficava a cargo de iniciativas da filantropia. Entre 1833-1870, tem início o apoio público à construção de escolas de duas grandes sociedades educativo-religiosas. Entre 1870 e 1902, implantam-se “secretarias de educação”, organizadas, apoiadas e controladas pelo Estado, mantendo, contudo, o apoio às escolas religiosas. A partir de 1902, o Partido Conservador aprova a legislação que mantém o apoio às “escolas voluntárias”, mas submete todas à supervisão do poder público.

que lhes é reservado pode ser observado na cuidadosa operação realizada pelo “homem da diplomacia norte-americana”. Apoiado em palavras autorizadas – a biblioteca que constitui –, na instituição em que se titula – a Columbia University –, na que ensina – o City College of New York –, na que dirige – o International Institute of Education –, nas redes humanas locais e internacionais das quais participa²¹ e na regular e vasta intervenção na imprensa –, termina por produzir uma escrita na qual dispõe muitos elementos, encadeando-os de modo a que confluam para legitimar um modelo de sociedade desejado e um programa de educação adequado ao mesmo, o que pode ser evidenciado no debate doutrinário contido no *textbook* quando se refere à função da educação e do Estado, natureza humana, métodos de ensino, saberes escolares, formação e papel da escola e dos professores na construção e manutenção de uma ordem social harmônica.

Na história da educação que organiza para futuros professores, baseada em sua experiência como docente da disciplina e como agente da difusão da cultura norte-americana, o autor se mostra sensível à existência dos conflitos sociais, cujo enfrentamento e solução dar-se-iam mediante a eficiência das instituições e estratégias, em especial a educação escolar controlada pelo Estado, que poderiam oferecer soluções para o problema da relação entre liberdade individual e bem-estar social. A melhor e mais acabada de todas as experiências abordadas consistia na da “Nova Inglaterra”, chave para reconhecer suas heranças, mas também a diferença e superioridade com que procurou representar o modelo de vida norte-americano, como manifestado na epígrafe deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marta; GATTI JUNIOR, Décio. (Orgs). *O ensino de história da educação*. Vitória: Editora da Ufes/Sociedade Brasileira de História da Educação, 2011.
- DUGGAN, Stephen Pierce H. *The eastern question – a study in diplomacy*. 2. ed. Honolulu: University Press of the Pacific, 2002. [1. ed., 1902].
- _____. The Balkan Adjustment. *Political Science Quartely*, v. 28, n. 4, 1913.
- _____. *A Student textbook in the History of Education*. Chicago, 1916.
- _____. Balkan Diplomacy I. *Political Science Quartely*, v. 32, n. 1, 1917a.
- _____. Balkan Diplomacy II. *Political Science Quartely*, v. 32, n. 2, 1917b.
- _____. (Ed.) *The league of nations – the principle and the practice*. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1919.
- _____. Observations on higher education in Europe. *The Journal of International Relations*, v. 10, n. 4, 1920.
- _____. The Syrian question. *The Journal of International Relations*, v. 11, n. 4, 1921.
- _____. Turkish gains out of western discords. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 108, 1923.

²¹ A respeito desse múltiplo pertencimento, cf. Duggan, 1972.

-
- DUGGAN, Stephen Pierce H. Latin America, the League and the United States. *Foreigns affairs*, v. 12, n. 2, 1934.
- _____. *Professor at large*. 2. ed. New York: Books for Libraries Press, 1972. [1. ed., 1943].
- FREITAS, Anamaria et al. *O ensino e a pesquisa em história da educação*. Maceió: Edufal, 2011.
- GATTI JR., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena C. *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: Edufu, 2009.
- GONDRA, José. *Artes de civilizar – medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- GONDRA, José; SILVA, José Claudio S. Textbooks in the history of education: Notas para pensar as narrativas de Paul Monroe, Stephen Duggan e Afrânio Peixoto. *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação*. Vitória, 2011.
- GONDRA, José; SILVA, José Claudio S. (Orgs.). *História da educação na América Latina: ensinar & escrever*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011a.
- HOBBSBAWN, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LORENZ, Karl. A história da educação e o ensino pós-secundário nos Estados Unidos, 1840-1910. In: GATTI JR., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena C. *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: Edufu, 2009.
- MONROE, Paul. *História da educação*. 11. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. Coleção Atualidades Pedagógicas. v. 34.
- OHLES, John F.; RAMSAY, John G. *Biographical dictionary of modern american educators*. Greenwood Publishing Group, 1997. v. 1.
- PEIXOTO, Afrânio. *Noções de História da Educação*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. [2. ed., 1936 e 3. ed., 1942].

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR PROPOSTA (E COMENTADA) POR STEPHEN DUGGAN

- BOYD, W. *The educational theory of Rousseau*. Longmans, Green & Co. 1911. The best book on the subject at present.
- CUBBERLEY, E. P. *Syllabus in History of Education*. McMillan Co. 1904. Exhaustive bibliography upon every topic in the history of education with admirable suggestion as to proper sequence or reading.
- DAVIDSON, Thomas. *Aristotle and the Ancient Educational Ideals*. E. P. Dutton & Co. 1916. Gives admirable exposition of the tendencies and movements current in education today.
- DEWEY, John and Evelyn. *Schools of tomorrow*. E. P. Dutton & Co. 1916. Gives an admirable exposition of the tendencies and movements current in education today.
- GRAVES, Frank P. *A History of Education* (Three volumes) Macmillan & Co. 1910. Another work of superior merit and standard character.
- LAURIE, S.S. *History of Educational Opinion since the Renaissance*. The Cambridge University press. 1905. Gives another view of the men treated by Quick.
- _____. *Pre-Christian education*. Longmans, Green & Co. 1909. An excellent review of ancient education.
- MISAWA, Tadasu. *Modern educators and their ideals*. D. Appleton & Co. 1909. A third view of the men treated by Quick. Particularly good on the German educators.
- MONROE, Paul (editor) *Cyclopedia of education*. Macmillan co. 1914. A mine of information upon every phase of education. Indispensable.
- _____. *Textbook in the history of education*. Macmillan co. 1908. This splendid pioneer work will long retain its standard character.
- PARKER, S. C. *History of modern elementary education*. Ginn & Co. 1912. It is hard to use word too flattering to describe this admirable book. The book listed above under the names of Graves, Monroe and Parker used as reference works in connection with this textbook, will enable the student to pursue an excellent introductory course.
- QUICK, R. H. *Educational reformers*. D. Appleton & Co. 1896. A very fair estimate of the work and influence the chief educational reformers since the Renaissance.

RASHDALL, H. *The universities of Europe in the middle ages*. Oxford Clarendon Press. 1895. An excellent description of educational conditions in the Middle Ages.

Ao lado desse conjunto de 13 indicações apresenta ao final de cada capítulo, uma pequena lista que trata dos assuntos especialmente desenvolvidos nos mesmos. Além destes, recomenda mais quatro enciclopédias

Catholic Encyclopedia

Jewish Encyclopedia

Encyclopedia Britannica

Cyclopaedia of Education

Acrescenta ainda três livros para os estudantes que desejassem alargar o conhecimento sobre o fundo histórico e desenvolvimento educacional:

ADAMS, G. B. *Civilization during the middle ages*. Charles Scribner's sons. 1894.

ROBINSON, J. H. *History of Western Europe*. Ginn & Co. 1903.

WEST, W. M. *The ancient world*. Allyn & Bacon. 1904.

Recebido em junho de 2012
Aprovado em julho de 2012